

PEDAGOGIAS DA IMPRENSA NEGRA: CONSTRUINDO CIDADÃOS NEGROS CIVILIZADOS E HIGIÊNICOS NO JORNAL *O EXEMPLO* (1916-1918)

Jéssica L. Duarte - Aluna do curso de História e Bolsista PIBIC/CNPq
 Maria Angélica Zubaran - Professora do curso de História e PPGEDU

INTRODUÇÃO: O presente projeto de pesquisa investiga as pedagogias culturais da imprensa negra no jornal *O Exemplo*, que produz e faz circular ensinamentos em outro espaço, que não os espaços da escola. As narrativas produzidas na coluna intitulada “Da Educação” remetem aos manuais de civilidade que foram sucesso editorial na Europa desde o século XVI e XVII, que eram dedicados a ensinar as pessoas como se comportarem e como agirem dentro da comunidade, o modelo de civilidade adotado foi o francês. Possivelmente, os redatores do jornal *O Exemplo* tiveram contato com estes manuais, pois a forma como produziram a coluna “Da Educação” remete aos títulos e a organização do Código do Bom Tom do padre Roquette e deveriam contribuir na formação de condutas e modos de ser da comunidade negra nas primeiras décadas do século XX.

OBJETIVO: Neste sentido, o objetivo central desta pesquisa é mapear e problematizar os discursos e representações mais recorrentes empreendidas pelas lideranças negras do jornal *O Exemplo* na coluna “Da Educação” entre os anos de 1916 a 1918. Portanto, trata-se de uma pesquisa que prioriza o entendimento dos próprios afrodescendentes sobre educação nas práticas civilizatórias e higienistas.

METODOLOGIA: Trata-se de uma pesquisa que tem como foco central a discussão do conceito de pedagogias culturais na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação. Neste sentido, Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 140) afirma que tal como a educação, outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma pedagogia, também ensinam coisas. Tanto a educação como a cultura, em geral, estão envolvidas em processos de formação dos sujeitos (SILVA, 1999, p.139). Em termos teórico-metodológicos, num primeiro momento, levantamos os temas tratados nesta coluna, no período selecionado. Em um segundo momento, analisamos como os redatores afro-brasileiros construíram suas narrativas sobre a educação investiga as articulações entre os discursos de Civilidade e Higienista com as prescrições de comportamento e de hábitos disseminados na coluna. Portanto, buscou-se analisar o impacto da imprensa negra e dos manuais de boas maneiras nos processos de formação dos sujeitos negros e na construção de suas identidades. Segundo Jacques Revel (1991), “A civilidade trata da postura e dos comportamentos sociais na igreja, à mesa, nos banquetes e refeições, nos encontros e conversas, no esporte e no leito. (p. 172-173). Por outro lado, conforme Iranilson Buriti de Oliveira (2011), a concepção higienista que caracterizou a sociedade brasileira em fins do século XIX, buscou conciliar as necessidades familiares ao interesse do Estado para moralizar e disciplinar os comportamentos mediante normas de higiene e asseio pessoal” (p.6).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Investigou-se um total de trinta colunas intituladas “Da Educação” que apresentavam regras de comportamento em diversos espaços e em diferentes situações sociais organizadas da seguinte forma: a família, o colégio, os lugares públicos, os maus hábitos, as visitas, a conversação em geral, dos vícios e defeitos na conversação, do gracejo, da controvérsia, as formulas de tratamento, nos bailes, da comida em geral, educação, dos banquetes ou jantares e cerimônias e nas correspondências epistolares. Essas normatizações, regras de conduta, de boas maneiras e de higiene também foram discutidas em outros espaços do jornal em que apareceram com os seguintes títulos: uma esposa correta, arrependido de ter casado, costumes depravados, os oito mandamentos do marido exemplar, como se deve comer, a higiene e o ensino em São Paulo e palavras e frases vulgares. Neste sentido, observa-se que as lideranças do jornal *O Exemplo* buscavam regulamentar e enquadrar comportamentos e hábitos das famílias negras, principalmente o papel das mulheres, mas também os dos homens nas cidades que se urbanizavam e modernizavam no início do século XX. No que se refere às mulheres, a ênfase era no papel da mulher como genitora e esposa exemplar. Conforme afirma Oliveira (2011), “a cidade é um próspero mercado urbano, multifuncional, a serviço do capital. As famílias nela habitavam deveriam ser um “exemplo” em tudo, subjetivando valores como o cuidado com a beleza (perfumes, aromas, pós, talcos), com o conforto (casacos, chapéus), com o trabalho e com o físico. O final do século XIX e início do século XX, no Brasil, é um momento que requisitava a mudança da relação do sujeito com o seu corpo. Os articulistas do jornal *O Exemplo*, em 1916, assim representaram a “esposa correta” como “sincera em tudo”, “higiênica”, “carinhosa”, que “deve estudar o seu marido, seus costumes, gostos e modos”. Estas narrativas prescritivas revelam ainda, que as classes médias negras letradas entendiam que a família era central na produção deste “bom cidadão”, este sujeito negro civilizado e higiênico. E, era a mulher, como “rainha do lar” e, principalmente, como responsável pela educação de seus filhos, que deveria regular comportamentos e hábitos, na perspectiva dos discursos civilizatórios e higienistas. Já a presença do homem no lar seria “nas horas de lazer”, pois seu espaço privilegiado de atuação era o espaço público, no “trabalho externo”, na tarefa de “provedor”. Ao longo das análises sobre a coluna “Da Educação” e nas demais reportagens que circularam no jornal *O Exemplo* prescrevendo comportamentos e hábitos considerados adequados, foi possível observar-se a presença de dois discursos que marcaram as narrativas prescritivas dos redatores afro-brasileiros na segunda década do século XX: o discurso civilizatório e o discurso higienista. Neste sentido, pode-se considerar que estas narrativas prescritivas produziram e fizeram circular ensinamentos que podem ser entendidos como pedagogias das boas maneiras, que tentavam normatizar, formatar e enquadrar os comportamentos e hábitos da comunidade afrodescendente em Porto Alegre, condenando aqueles comportamentos e hábitos que ficassem fora desses padrões de civilidade e de higiene.

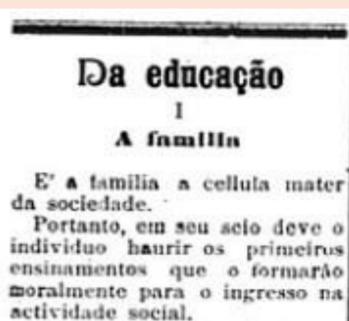


Fig. 1 *O Exemplo*, 18/mar/1917, p.1

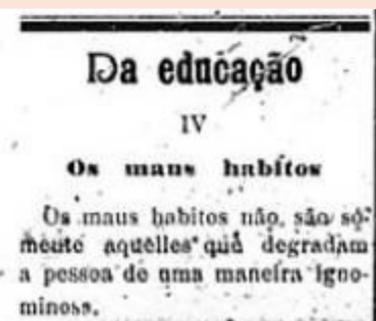


Fig. 2 *O Exemplo*, 15/abr/1917, p.1

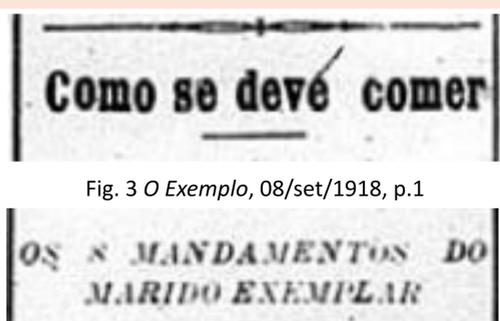


Fig. 3 *O Exemplo*, 08/set/1918, p.1

Fig. 4 *O Exemplo*, 22/set/1917, p.1

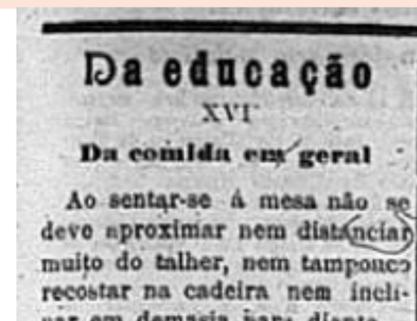


Fig. 5 *O Exemplo*, 09/set/1917, p.1